

The image features a vibrant yellow background with a fine, diagonal line pattern. A central dark blue rectangle is tilted, containing a white five-pointed star at the top center. Below the star is a thick yellow curved line. The text 'UNIBRASIL' is written in a bold, white, serif font, and 'FUTURO' is written below it in a bold, yellow, sans-serif font. To the right of 'FUTURO' is a small blue circular graphic with a white dot inside. The blue rectangle is surrounded by various geometric shapes: a grey triangle at the top right, a black triangle at the bottom left, and an orange triangle at the bottom right. A pattern of blue dots is scattered around the blue rectangle, and thin black lines connect several of these dots to form a network-like structure.

UNIBRASIL
FUTURO

Apostando no afeto não tem erro

RESUMO:

*Andréa Pachá é juíza titular da 4ª Vara de Órfãos e Sucessões do Rio de Janeiro, formada em Direito pela UERJ nos anos 80. Seu talento para comunicar e compartilhar suas experiências foi demonstrado em crônicas publicadas em dois livros de grande sucesso editorial (*A Vida não é Justa, Agir, 2012* e *Segredo de Justiça, Agir, 2014*) e em sua bem sucedida aventura como roteirista e produtora de cinema e teatro e como Diretora de Comunicação da Associação dos Magistrados do Rio de Janeiro. Na magistratura, sua profissão e paixão, Andréa trabalha há 17 anos e já participou de mais de 20 mil audiências.*

AUTORA:

Roseli Rocha dos Santos – Professora aposentada da Universidade Federal do Paraná.

Na palestra proferida com grande brilho e simpatia no UniBrasil, em 12 de agosto, Andréa Pachá, que foi conselheira do Conselho Nacional de Justiça de 2007 a 2009, vice-presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros, responsável pelo Cadastro Nacional de Adoção e pela implantação das Varas de Violência contra a Mulher no Brasil que, entre outras muitas realizações criou ainda a Comissão de Conciliação e Acesso à Justiça e participou das campanhas de eleições limpas e de simplificação da linguagem jurídica, encantou a plateia ao narrar sua experiência na Vara de Família do Rio de Janeiro evidenciando sua atenta e ponderada análise da família brasileira imersa na busca individual da felicidade a qualquer custo. As experiências vividas na Vara de Família comprovam as transformações familiares, sendo cada caso, no entanto, ao mesmo tempo único e emblemático. Com grande habilidade, Andréa Pachá relacionou exemplos de situações vividas com o panorama de mudanças e tendências sociais, colocando-se como ela mesma disse: “como a juíza que observa a vida a partir da sala de audiências”.

A angústia do juiz nessa era de incertezas e de mudanças em que vivemos foi retratada, de forma simpática e incisiva, na palestra. No século passado, apesar de o mundo ter sido sempre violento e arbitrário, a família, ainda que patriarcal e autoritária, proporcionava uma sensação de segurança. Mas a era das certezas, das grandes convicções, dos grandes blocos políticos e econômicos acabou. Estamos hoje no olho do furacão, em plena era da demolição das ideologias e da transformação da família, em que as referências que tínhamos da autoridade e da representação política ruíram. Nesse mundo, nada é permanente, exceto a mudança. Vivemos em plena era dos direitos, na qual a busca da felicidade é uma imposição social.



A transformação das famílias teria muito a ver, segundo Andréa, com o enfraquecimento do papel do cidadão, que não teria mais nem o protagonismo nem muita importância na grande política. Suas lutas passaram a se concentrar na revolução cotidiana e na busca da felicidade individual. Assistimos aos movimentos políticos que reivindicam o direito ao afeto e ao pertencimento. Novas configurações familiares aparecem como objeto de reivindicações, como a luta pelo casamento homoafetivo em vários lugares do planeta. Também aqui no Brasil o direito à felicidade privada apareceu nos movimentos sociais de 2013, como se fossem direitos políticos e obrigação do Estado. Nesses movimentos que aparentemente não tinham muita direção, a necessidade de aceitação desses direitos e das novas formas de ser feliz ficou evidente.

A própria justiça se transformou, acompanhando o contexto. A constituição brasileira de 1988 passou a reconhecer os filhos fora do casamento como legítimos e a companheira passou a ter direito aos bens obtidos em conjunto. Hoje a jurisprudência tende a reconhecer os laços familiares baseados no afeto e não na consanguinidade ou no vínculo do casamento. A própria atuação de Andréa na Vara de Família do Rio de Janeiro caminhou nesse sentido, como se pôde observar por seus relatos na palestra e pela leitura de seus dois livros. Nem sempre a justiça sabe por onde escolher, tantas são as situações, as razões pessoais, a história de cada um, os argumentos legais e a própria jurisprudência, mas o que deve prevalecer, além da divisão do patrimônio e da segurança material, é a afetividade. Justamente no lugar da frieza e neutralidade do tribunal,

não apenas o patrimônio é dividido, mas aí é que se consolida o fim do amor, a separação dos casais, define-se a guarda dos filhos, “se empacota a vida”, como disse Andréa.

Se a busca por direitos reconfigura a família e a sociedade, ela também tem levado a uma busca sem limites pela felicidade individual. As lutas por sociedades mais justas, pelo fim das ditaduras foram deslocados por necessidades que possam demonstrar a felicidade, como o acúmulo de bens, as viagens e o culto à beleza. Vivemos num mundo onde a felicidade é obrigatória, numa intimação à euforia, como disse Bruckner (A Euforia Perpétua, Difel, 2002), citado por Andréa. Essa condição é exacerbada pela velocidade do mundo virtual, onde o espetáculo da felicidade alheia torna infelizes os que não aderiram à essa exibição. As famílias felizes parecem ser sempre as famílias dos outros. A Vara de Família é o lugar onde as grandes infelicidades individuais aparecem, mas também é onde o modelo de família patriarcal, baseada na autoridade vertical, revela sua decadência.

Uma concepção de felicidade baseada na ética e na dignidade humana é a condição para definir o modelo de família adequado aos novos tempos. As novas configurações que contemplam o direito dos homossexuais casarem e adotarem filhos e dão aos filhos tanto consanguíneos como adotados os mesmos direitos tem construído famílias mais felizes. É no ambiente familiar, em que o afeto prevalece, que as divergências são respeitadas ou toleradas e se pode conviver com elas. Foi justamente nas novas famílias que se produziram as redes mais importantes de direitos na atualidade, porque a ética do modelo é o da ética da humanidade, e não o da sociedade.”

Observando essas mudanças, Andréa refletiu também sobre as consequências dessa conscientização de novos direitos. A judicialização excessiva da sociedade é decorrente dessa busca, como se houvesse hoje uma delegação das responsabilidades pessoais. Tendemos para a terceirização dos conflitos, em que se busca atribuir à justiça a solução de conflitos que poderiam muito bem ser resolvidos no âmbito da família ou com a ajuda de amigos, substituindo uma mediação social por uma mediação judicial. O compromisso com o afeto e com os limites do processo civilizatório, daqueles que já compreenderam e vivenciam as novas famílias deve ser repassado aos jovens, que devem entender que a vida nem sempre é agradável e quase nunca é justa. “Trazer o afeto para o centro do debate, reunir saberes que não deveriam ser fragmentados e construir redes de ética e de cuidados construirão famílias mais felizes e sociedades melhores”, segundo Andréa. A afirmação do afeto é transformadora, revolucionária: apostando no afeto não tem erro!”. Nas disputas judiciais, ainda que esse sentimento seja complexo de ser tratado e pareça menor, a sensibilidade da justiça deve procurar encaminhar a solução dos impasses na sua direção.

Ao final de sua palestra, Andréa quis exemplificar como a combinação do fim das certezas e das mudanças da família, com a busca desenfreada pelo prazer individual leva à liberdade no amor, ao pretensão direito de ser feliz e ao egoísmo em relação ao fardo da vida a dois. Isso pode acontecer pela doença da companheira, pela criação dos filhos ou pelo envelhecimento. Muitas vezes os casais se comportam como eternos adolescentes, em que a generosidade é muito rara. A partir da sala de audiência, a juíza

vivenciou a rotina das separações, a oficialização do fim do amor, nas suas mais variadas formas e razões, algumas tristes, outras engraçadas, outras ainda surpreendentes. Muitas vezes, o tribunal é a última esperança de recuperar o amor, mas na maioria é onde realmente o seu final se sacramenta.

As duas histórias contadas por Andréa mostram o modelo de felicidade como satisfação e o modelo de um projeto de cuidado e de esperança. Na primeira situação, o casal muito jovem que foi ao tribunal para se separar por causa dos gastos no cartão de crédito. Depois de uma festa de casamento cheio de necessidades fabricadas e de lua de mel caríssima, ambos custeados pelos pais, o casal percebeu que a vida não era só prazeres e felicidade obrigatória e infinita. E o divórcio foi a solução inevitável, numa audiência marcada pelo comportamento infantil e arrogante dos jovens, com um acordo em que as dívidas seriam pagas pelos pais.

Outra história emblemática foi a do casal, ele professor universitário, ela pesquisadora, que haviam se conhecido no movimento estudantil e que depois de quase trinta anos de união, se separam porque o marido, que já havia traído e sido perdoado, não suportou o câncer de sua mulher, e sem vontade de acompanhar o tratamento, pediu o divórcio. O silêncio constrangedor do final sacramentado, sem questionamentos, no tribunal foi quebrado pela mãe da mulher que fez o acerto de contas falando do abandono da mulher pelo marido no

pior momento da vida e recebendo a filha de volta para uma nova vida.

A palestra da juíza Andréa Pachá foi inovadora, sensata e muito envolvente para todos os participantes. Para os estudantes de Direito, apresentou uma outra visão do papel do juiz, o que procura compreender a motivação que levou os litigiosos ao tribunal. Foi um interessante material sociológico, as constantes dos relatos, como o homem mais velho que abandona a mulher em busca da juventude numa companheira mais nova, ou dos jovens que não querem crescer, e que ao casar descobrem que a vida não é tão fácil e irresponsável como a que viviam na casa dos pais, ou ainda que os filhos não se criam sozinhos.

Certamente contaremos com a presença de Andréa Pachá em ocasiões futuras e acompanharemos sua trajetória. O talento e a sensibilidade da juíza são reconhecidos por seus pares e pelos estudantes de Direito. Seguidamente ela é convidada para palestras e debates, até mesmo em programas de televisão de grande audiência. Sua capacidade de narrar e de comunicar já produziu dois livros de grande sucesso editorial e deverá ser desenvolvida numa produção da Ancine sobre o envelhecimento da população brasileira, chamada o Tribunal do Tempo. A parceria com o jornalista Paulo Markun irá produzir uma série de 13 episódios sobre o envelhecimento da população brasileira e a sua convivência com as gerações mais jovens.



UNIBRASIL



